



estudos semióticos

<http://www.revistas.usp.br/esse>

issn 1980-4016
semestral

julho de 2015

vol. 11, nº 1
p. i–ii

Apresentação

Ivã Carlos Lopes *
Américo Saraiva **

Neste número, a revista *Estudos Semióticos* reúne trabalhos cujo denominador comum é o interesse pela imagem, com destaque especial para as imagens em movimento. Animações com diferentes técnicas, filmes de cinema, videoarte, transmissão de futebol pela tevê estão entre os produtos da indústria cultural sobre os quais discorrem nossos autores; ao analisá-los, eles mobilizam e discutem pontos que vêm ocupando a pauta da semiótica, e também dos campos ao redor, nos anos recentes. Somente o artigo que encabeça o elenco foge a essa regra, dando prioridade ao debate metodológico e epistemológico acerca da teoria da linguagem de Louis Hjelmslev (1899 – 1965). No cinquentenário do falecimento do mestre dinamarquês, esse texto breve, porém denso e amplo em sua visão, homenageia um dos maiores teóricos da linguagem do século XX, cuja obra, cinquenta anos depois, ainda está longe de obter o reconhecimento merecido.

Assinado por Waldir Bevidas, nosso artigo de abertura desta edição não está, portanto, exatamente voltado para o estudo da imagem. No entanto, não deixa de recorrer ao quadro *Os embaixadores*, de Hans Holbein, para ilustrar os argumentos favoráveis ao ponto de vista teórico-metodológico ancorado no preceito da imanência. Bevidas traça o perfil desse ponto de vista creditando sua anunciação, no âmbito dos estudos da linguagem, ao princípio da arbitrariedade de Saussure. Em seguida, explicitadas as condições de sustentação da imanência como ponto de vista privilegiado na observação e descrição dos fatos semióticos, o autor argumenta, com base na obra de Hjelmslev, a favor de uma tomada de posição que adote dois conceitos de imanência complementares, a imanência metodológica e a epistemológica, a segunda diferindo da primeira em função do seu alcance transcendentalizante.

As demais contribuições, muito embora calcadas em uma pluralidade de pontos de vista, versam todas sobre objetos visuais. No último filme, *O Retorno do Rei*, da trilogia *O Senhor dos Anéis*, dirigido por Peter Jackson em 2003, uma breve sequência com dura-

ção de apenas dois minutos é o trecho selecionado por Renata Mancini e Lucas Calil para sua discussão do modo como as relações semissimbólicas se concretizam no enunciado cinematográfico. Descrevendo a apropriação, na película, das associações culturalmente estereotipadas de claro/Bem e escuro/Mal, os articulistas explicam suas formas de agenciamento sintagmático, em cuja análise valem-se do esquematismo tensivo, com o que esse estudo acaba ficando marcado pela dupla inspiração teórica de Jean-Marie Floch e Claude Zilberberg.

A animação *Deu a louca na Chapeuzinho*, lançada originalmente em 2005 sob o título *Hoodwinked* pela produtora norte-americana Blue Yonder Films, é o objeto da análise empreendida por Lara Rosa Farias, que busca examinar, lançando mão dos conceitos semióticos de intertextualidade e interdiscursividade, o peso das modalidades veridictórias na construção do efeito de humor. A autora identifica a negociação temático-figurativa realizada pelo enunciatário, ruptura ou confirmação das versões anteriores do conto difundido pelos irmãos Grimm, profusamente aludidas pelo enunciator de *Deu a louca na Chapeuzinho*, como fator de grande relevo na geração do efeito humorístico desse texto.

Dirigida por Josué Junior, a animação “O menino e o rio” foi criada sobre um curto poema, escrito por Manoel de Barros e posteriormente musicado pelo compositor Márcio de Camillo. No exercício descritivo que propõem sobre esse videoclipe, Geraldo V. Martins e Maria Luceli Batistote exploram o tratamento dado pelo diretor, no desenrolar da canção que se ouve, à entrada e saída de cena das personagens: ora mais rápida, ora mais lenta, ora mais previsível, ora menos. A análise volta-se, principalmente, para as relações entre intensidade e extensão nas imagens animadas, relações pelas quais se depreende uma interpretação peculiar da canção, cuja figuratividade é mostrada em traços muito próprios pelo desenho animado.

O ponto de partida para o trabalho seguinte, de

* Docente pela Universidade de São Paulo (USP). Endereço para correspondência: { lopesic@usp.br }.

** Docente titular pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço para correspondência: { jabsaraiva@gmail.com }.

autoria de Jônathas Araujo, é o sentimento da insuficiência de uma ideia frequentemente reproduzida pelos pesquisadores sobre as histórias em quadrinhos, a saber, a da sequencialidade das imagens. Na busca por outros tipos de relações pertinentes para a linguagem das HQs, o autor traz aqui um cuidadoso exame da noção de “multiquadro”, lembrando uma proposta lançada há poucos anos por T. Groensteen no livro *Bande dessinée et narration*; a leitura de Araujo, no entanto, ultrapassa o modelo de Groensteen, ao abrir-se para um panorama de maior alcance sobre o pano de fundo da semiótica tensiva. Aí ressituidas, as questões do plano da expressão da HQ passam a ser clareadas por uma nova luz, uma vez que suas variáveis próprias re encontram dispositivos de mais larga envergadura, tais como, entre outros, os chamados “modos de junção” zilberberguianos da concessão e da implicação. Lendo um álbum de Jodorowsky e Moebius, *Les yeux du chat* (1991), Araujo esmiúça a arquitetura da dupla-página em sua forma de apresentação para o leitor; nesse movimento, é levado a investigar também o nível analítico do “objeto-suporte” de que fala Jacques Fontanille em suas publicações do último decênio.

Objeto curioso, por inusitado, é o objeto investigado por Ilca Suzana Lopes Vilela. A autora explora uma temática de extrema importância na atualidade: a afirmação identitária, no e pelo discurso, de grupos humanos, mais particularmente, a do grupo quilombola de Conceição das Crioulas, de Pernambuco. Elege alguns mecanismos sintáticos que promovem a reiteração como mecanismos indispensáveis no processo de afirmação da identidade e centra sua atenção nas questões relacionadas à isotopia, à aspectualização e à tensividade, relevantes, a seu ver, para a construção do simulacro identitário num dado espaço discursivo, que, segundo o bom procedimento semiótico, deve estar manifestado em *corpora* para se tornar manipulável. O estudo de Vilela surpreende principalmente ao apresentar o seu *corpus* de análise: o texto das bonecas pretas do quilombo de Conceição das Crioulas, texto sincrético composto por linguagens da ordem do verbal, do visual e do tátil, em que cada boneca remete a uma mulher da comunidade que tem destacado papel no processo histórico de reconstrução político-identitária de seu universo discursivo.

Dois outros trabalhos nos fazem retornar ao terreno das imagens em movimento acompanhadas de som. Da transmissão, pela Rede Globo de televisão, de uma partida de futebol disputada em 2012 entre o Corinthians e o Chelsea F. C. da Inglaterra, o estudo de Rodrigo L. Madrid destaca a brevíssima sequência – menos de trinta segundos de duração – do único gol da noite,

marcado para o time paulista pelo atacante Paolo Guerrero. O autor mostra a forma de funcionamento da transmissão televisiva como “texto sincrético”, no qual os estímulos das bandas visual e sonora somam-se para constituir uma totalidade audiovisual coerente em sua administração das alturas, andamentos, durações e intensidades, todas elas produtoras de efeitos de sentido entrelaçados no texto resultante. Já o artigo de Ricardo Akira Sanoki, elegendo para exame um filme de curta metragem do artista americano Bill Viola, *The space between the teeth* (1976), propõe uma observação meticulosa do desenvolvimento sintagmático do vídeo. Pelo gerenciamento das partes mais lentas e silenciosas em seu contraste com a irrupção de quebras dessa continuidade, o diretor vai compondo modulações rítmicas, instalando expectativas para repentinamente infringi-las, pegando de surpresa o espectador; o uso que faz B. Viola das ascendências e descendências de tensão, conjugadas aos estreitamentos e ampliações de foco, acaba sendo responsável pelos sustos que prega em quem assiste, pondo várias vezes em xeque o domínio, pelo espectador, do desenrolar das próximas microsequências no seio dessa obra, afinal, bem pouco previsível.

Fecha este número da *Estudos Semióticos* a resenha, elaborada por Elisabeth Harkot-de-La-Taille, do livro *Entretiens Sémiotiques*, organizado por Amir Biglari e publicado em 2014 pela editora Lambert-Lucas, num alentado volume de quinhentas páginas. A autora logra levar a efeito a delicada tarefa de apresentar um livro de entrevistas com semioticistas e semiólogos francófilos mundialmente renomados equilibrando-se entre duas exigências próprias do gênero: a fidelidade ao conteúdo do livro resenhado e a manutenção da autonomia e da unidade do texto resenhante. Vencido esse desafio, o texto de Harkot-de-La-Taille ainda tem o mérito de despertar a atenção do leitor para o livro e de provocá-lo à leitura não só porque transcreve passagens representativas do pensamento de alguns dos entrevistados mas sobretudo porque expõe a diversidade desse pensamento e a polêmica daí decorrente.

O número da *Estudos Semióticos* ora publicado constitui-se, e nisso aposta a equipe editorial, a imagem do si que ela vem trabalhando para construir desde sua inauguração: a de uma revista que acolhe estudos variados de diversas linguagens-objeto desde que, e aqui repousa a sua primeira restrição, esses estudos recebam efetivamente um tratamento semiótico. Seguindo tal contrato fiduciário é que damos à luz mais esta edição para o prazer da leitura dos internautas.

●